



## DÉCADA DE 1890: A REPRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA A PARTIR DE TRÊS DISTINTAS OBRAS LITERÁRIAS DA ÉPOCA

Ester Naiá Ferreira Melo

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

**Resumo:** A década de 1890 foi de grande relevância literária e social. Visto que, foi um momento de publicação de importantes obras literárias e do reconhecimento de dois movimentos literários, o realismo e o naturalismo. Durante esse período, foram publicadas três obras, que serão analisadas neste artigo, sendo elas *Dom Casmurro*, *O cortiço* e *Contos Amazônicos*. A partir delas, se busca entender suas semelhanças e diferenças em relação à formação da sociedade brasileira. Para esta pesquisa foram utilizados estudiosos da literatura brasileira, como Antônio Cândido e Roberto Schwarz. Assim, é necessário também utilizar dessas fontes para analisar a formação identitária brasileira para além de uma perspectiva central de Brasil, buscando comparar tais análises com duas diferentes regiões do país, o Sudeste e o Norte. Desse modo, podemos entender o processo de semelhança dessa identidade de brasileiros e também os mecanismos que distinguem essa noção única identitária que é reproduzida até hoje.

**Palavras-chave:** Sociedade brasileira; *Dom Casmurro*; *O cortiço*; *Contos amazônicos*.

*1890's: representation of the brazilian society's emergence based on three distinct literary works of an era*

**Abstract:** The 1890's were of great literary and social relevance. Because it was a moment of publication of great literary works and the recognition of two literary movements, realism and naturalism. During this period, three works were published, which will be analyzed in this article, *Dom Casmurro*, *O cortiço* and *Contos Amazônicos*. From them, we seek to understand their similarities and differences in relation to the formation of Brazilian society's. For this research, great scholars of Brazilian literature were used, such as Antônio Cândido and Roberto Schwarz. Thus, it is also necessary to use these sources to analyze the Brazilian identity formation beyond a central perspective of Brazil, seeking to compare such analyzes with two different regions of the country, the Southeast and the North. In this way, we can understand the process of similarity of this identity of Brazilians and also the mechanisms that distinguish this unique notion of identity that is reproduced until today.

**Keywords:** Brazilian society's; *Dom Casmurro*; *O cortiço*; *Contos amazônicos*.

## **Literatura da década de 1890**

A literatura é um meio de representação da vida humana ao longo de toda a história. Por essa razão, é com o alicerce em vários escritos que se faz possível perceber quais são as estruturas sociais de cada época, suas especificidades e relações com o presente. A partir disso, a análise a seguir buscará perceber como é vista a formação da sociedade brasileira por meio de três diferentes obras literárias, sendo elas: *Dom Casmurro*, *O Cortiço* e *Contos Amazônicos*.

Esses três livros são contemporâneos entre si, visto que suas datas de publicação são próximas e estão dentro de escolas literárias simultâneas. Por exemplo, *Dom Casmurro*, publicado em 1899, faz parte do realismo, enquanto que *O Cortiço*, de 1890, e *Contos Amazônicos*, de 1893, são do naturalismo. Essas duas escolas, por mais que tenham suas características próprias, fazem parte de um mesmo momento histórico e têm como base a representação de uma sociedade de modo mais realístico e objetivo. Assim, tendo um entrelaçamento entre seus temas, sendo o principal a questão dessa formação social brasileira.

Ao analisá-las é importante perceber como ambas possuem diferentes pontos de partida sobre essa sociedade. Em *Dom Casmurro*, temos a visão de Bento Santiago, um homem da elite brasileira que narra sua história de vida, tendo como detalhe um autor que faz uma série de críticas a essa sociedade na sua forma de escrita. Já em *O Cortiço*, temos diferentes histórias sobre as relações humanas e de trabalho, a partir de uma visão naturalista sobre as terras e a população brasileira. Por fim, temos uma obra que representa uma parte mais ao norte do Brasil, muitas vezes esquecida desse processo de formação como país em um sentido de unidade de pertencimento.

### **Formação da sociedade brasileira em *Dom Casmurro***

Como já explicado, em *Dom Casmurro* percebemos essa formação social a partir de uma visão elitista do narrador-personagem da obra. Esse que explicita alguns aspectos desse grupo social como o clientelismo, a mobilidade social e o lugar da mulher. No primeiro ponto temos então o personagem José Dias exercendo o seu papel dentro da ideia do clientelismo. Dias é então um agregado da família, se aproximou dando a ideia de ser um médico e logo se

colocou apenas como um enganador, mesmo assim o pai de Bentinho possibilitou que ele ficasse com a família e assim permaneceu. No trecho a seguir percebe-se que

Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta (ASSIS, 2010, p. 33).

A partir de sua descrição, sabemos que ele possuía esse local de importância, mas sempre tendo cuidado com suas atitudes, não abusando dos confortos que lhe davam. Assim, ao possuir esse espaço e ganhando benefícios dessa relação, a sua dependência com a família é concretizada. Desse modo, nessa relação de troca se consolida o clientelismo e para além disso, reflete uma forma de submissão explicada pelo estudioso Schwarz que afirma

Sem prejuízo das constantes artimanhas, o agregado não se concebe propriamente como indivíduo, à parte da família a que serve, com a qual se confunde em imaginação e cuja importância lhe empresta o sentimento da própria valia. A sujeição ao marido de Dona Glória, depois à viúva e finalmente ao filho não é uma contingência externa, mas o molde do seu espírito, cujas manifestações não se desprendem nunca da necessidade imediata de agradar e emprestar lustre (SCHWARZ, 1991, p. 94).

Explicitando que essa forma de dependência também revela a servidão. Essa servidão que advém em algum grau de uma construção de pensamento escravista intrínseco à sociedade elitista da época. Pode-se perceber essa relação de servidão, por exemplo, na fala de Bentinho quando coloca que “José Dias tratava-me com extremos de mãe e atenções de servo.” (ASSIS, 2010, p. 59), o qual acompanhava o garoto no que precisasse, de modo servil.

Já em relação à questão da mobilidade social e local da mulher na sociedade oitocentista, temos a personagem Capitu evidenciando esses pontos. A menina estava em uma posição social baixa, pois sua família “Não ganhava muito, mas a mulher gastava pouco, e a vida era barata.” (ASSIS, 2010, p. 47). Por conta disso, sua relação com Bentinho tinha uma separação econômica imposta tanto que, ao começarem com suas brincadeiras amorosas, ela escreve o nome deles em um muro que separa suas casas e é colocado que “Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se” (ASSIS, 2010, p. 45). Desse modo, esse muro pode representar essa separação social existente entre o casal.

Ao longo da obra, Bentinho tenta argumentar com o leitor que Capitu o traiu com seu amigo e que ela sempre teve apenas interesse pelo que ele poderia beneficiar a ela. Cria-se,

então, um jogo de convencimento do leitor para tentar colocá-la como uma mulher perversa e dissimulada que viu no casamento uma forma de mudar seu *status* social. Nessa questão, pode-se avaliar que esse pensamento advém da ideia de que a mulher da época só conseguia enriquecer de duas maneiras: ou se casava com alguém com bens ou ficava com uma herança. Sobre esse aspecto, Schwarz coloca na citação a seguir que

As maneiras "hábeis" e "sinuosas" de Capitu representam a política de decoro, ou, segundo o ponto de vista, a hipocrisia requerida por esse arranjo. Por outro lado é característica do Casmurro e de sua ideologia de classe apresentar como deficiência moral, como falta de franqueza, a política de olhos baixos imposta pela sua própria autoridade, sem prejuízo de considerar "atrevimento" a conduta contrária (SCHWARZ, 1991, p. 96).

Desse modo, por Capitu sempre ter sido uma moça realista e contestadora sobre a vida, isso não era visto como a conduta correta para uma mulher. Essa que tinha que ter uma submissão diante da sociedade e seguir um modelo ideal de esposa para agradar o marido. Assim, Capitu, mesmo não tendo uma boa posição social, nunca se deixou ser subserviente, algo que afetou a noção de superioridade que Bento Santiago tinha.

### **Formação da sociedade brasileira em *o Cortiço***

Sobre *O Cortiço*, temos uma obra do naturalismo, a qual busca fazer uma representação da sociedade brasileira em suas relações humanas e de trabalho. No livro, se tem o cortiço como um ser vivo, podemos perceber na parte “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.” (AZEVEDO, 2012, p. 38) a qual descreve essa junção entre o ser coisa e o ser humano, como se fossem únicos e dependentes em uma relação ecológica de mutualismo. Por essa razão, Cândido coloca que “No começo é como se o cortiço fosse regido por lei biológica” (CÂNDIDO, 2004, p. 118), visto que muitas noções da biologia estão presentes na narrativa.

Esse fator biológico é bem explícito na relação de Rita Baiana com Jerônimo, levando em conta os aspectos do cientificismo e do darwinismo bem construídos em suas narrativas. Percebe-se ambas as características no trecho “desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior” (AZEVEDO, 2012, p. 163), em que percebemos essa ideia científica da época sobre existirem raças superiores e inferiores. Assim, dentro dessa ideia, a raça europeia branca seria superior e a que se busca alcançar, enquanto a negra seria a inferior e a qual se deseja ter um

afastamento. A partir dessa noção científica da época, somos levados a pensar sobre as teorias de Darwin da evolução das espécies e da descendência. Essas duas ideias acabaram por influenciar muito em um projeto de embranquecimento da população brasileira, visto que ao existir uma luta pela sobrevivência nesse mundo animal, aquele que melhor se adapta ao ambiente é o que sobrevive e reproduz. Por isso, a melhor adaptação seria alcançar essa raça vista como superior, para que se possa atingir uma vida melhor nesse ambiente, que seria o Brasil.

Apenas com essa questão apresentada percebemos uma sociedade brasileira racista e escravista. Assim, para ir mais além nessa questão, temos também a história de Bertoleza, uma cafuza e escrava que é enganada pelo seu amante português. Essa mulher que deseja sua liberdade, juntando seus ganhos se une com João Romão, tornando-se sua amante e serva. Inicialmente, Bertoleza era escrava de um homem cego e, nesse tempo, vira amiga de João Romão, confiando a ele o seu dinheiro, visto que estaria mais seguro com ele do que em sua casa. O português, aproveitando-se dela, teve então a ideia de dar-lhe uma carta de liberdade:

Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa, porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo (AZEVEDO, 2012, p.19).

Essa era uma prática comum para iludir pessoas escravizadas e utilizar-se de seus trabalhos, dando uma garantia de que logo teriam sua liberdade comprada, sendo até uma forma de manutenção dessa escravidão. Desse modo, “Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante” (AZEVEDO, 2012, p.19), trocando apenas de dono e entrando em um devaneio de liberdade. Cândido afirma que, nessa troca:

Com efeito, o que há n' O Cortiço são formas primitivas de amealhamento, a partir de muito pouco ou quase nada, exigindo uma espécie de rigoroso ascetismo inicial e a aceitação de modalidades diretas e brutais de exploração, incluindo o furto como forma de ganho e a transformação da mulher escrava em companheira-máquina (CÂNDIDO, 2004, p.115).

Bertoleza é então a máquina que produz para João Romão, inclusive foi com o dinheiro que ela lhe pediu para guardar que o português comprou o terreno do cortiço. Assim, esse local que se assemelha com uma senzala, visto que também representa esse crescimento social que o português tem com base em todo o trabalho escravo da mulher, sendo os ganhos e o crescimento do local que levarão à morte dela.

É importante a construção dessa relação de riqueza e escravidão, a fim de mostrar que toda a formação do país é produto do trabalho escravo. Sobre essa representação percebemos que Aluísio pode ter sido “o primeiro dos nossos romancistas a descrever minuciosamente o mecanismo de formação da riqueza individual. (CÂNDIDO, 2004, p.115), e, portanto, a riqueza da elite brasileira só foi possível de ser feita com o alicerce desse trabalho escravo.

Por fim, a obra se encerra com uma crítica ao próprio movimento abolicionista. Então, temos que, com a ascensão de João Romão, ele precisa se livrar de Bertoleza para poder casar-se com Zulmira. Por isso, ele vai até a família que era dona da escrava e revela seu paradeiro, levando alguns soldados para buscá-la. Nessa busca, em um ato de desespero, a mulher se mata, visto que não queria continuar naquela vida de escravidão. No trecho a seguir é demonstrado como se deu o fim dessa personagem e a ironia de que a atitude de João Romão naquele momento não condiz com o discurso abolicionista que o mesmo deveria ter para receber o título de sócio do movimento. Assim, percebe-se nessa citação como acontece a hipocrisia desse personagem que representa as atitudes de toda uma sociedade, pois após Bertoleza se matar e seu corpo enlamear o local de sangue, o personagem

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas (AZEVEDO, 2021, p. 222).

Assim, é feita essa crítica sobre a hipocrisia da abolição brasileira. Sobre isso, é possível pensar que a ideia de apoiar a abolição era apenas em benefício próprio desses abolicionistas, visto que eles, por já terem utilizado o que precisavam desse sistema, já não o apoiavam mais. Exatamente como João Romão, que construiu as suas riquezas a partir do trabalho escravo de Bertoleza e, quando não precisou mais dela, buscou se livrar da escravizada.

### **Formação da sociedade brasileira em Contos Amazônicos**

Por fim, a obra *Contos Amazônicos*, de Inglês de Souza, trata de diversos aspectos relacionados à formação de uma parte do Brasil esquecida por anos pela literatura, a região norte. Essa região que por muito tempo não teve uma noção de pertencimento a uma sociedade brasileira. Visto que, como foi tratado anteriormente, essa noção de Brasil estava muito centrada na região sudeste, devido a concentração populacional na capital do país, o

Rio de Janeiro. Por isso, obras como essa são importantes para a recuperação e reconhecimento da história de uma parte do Brasil. Desse modo, a análise a seguir, se utilizará de dois contos da obra, sendo o primeiro conto “O voluntário” e o último “O rebelde”. Contos que se relacionam quanto à apresentação de questões históricas relevantes para a região, além de noções identitárias relacionadas à raça, pátria e liberdade.

Em “O voluntário” temos a história de Pedro, um jovem amazônico que mora com sua mãe Rosa. Eles vivem no ano de 1865, no momento histórico da guerra do Paraguai. Por essa questão, é necessário recrutar os homens brasileiros para serem enviados nessa batalha, algo que atingiu grupos sociais de diferentes formas, assim como é descrito na obra:

Nas classes mais favorecidas da fortuna, nas cidades principalmente, o entusiasmo foi grande e duradouro. Mas entre o povo miúdo o medo do recrutamento para voluntário da Pátria foi tão intenso que muitos tapuios se meteram pelas matas e pelas cabeceiras dos rios, e ali viveram como animais bravios sujeitos a toda a espécie de privações. Falava-se de Francisco Solano López nos sertões do interior da província como dum monstro devorador de carne humana, dum tigre incapaz de um sentimento humanitário. A ignorância dos nossos rústicos patrícios, agravada pelas fábulas ridículas editadas pela imprensa oficiosa, dando ao nosso governo o papel de libertador do Paraguai (embora contra a vontade do libertando o libertasse a tiro) não podia reconhecer no ditador o que realmente era: uma coragem de herói, uma vontade forte, uma inteligência superior ao serviço duma ambição retrógrada (SOUZA, 2012, p. 20).

Nesse trecho é preciso destacar três pontos principais: a visão das classes elitistas, do povo pobre e sobre o poder do discurso. No primeiro, é preciso avaliar que esse entusiasmo das classes mais altas economicamente pode ter relação com os benefícios que se teriam com essa guerra, por conta das associações econômicas com outros países. Enquanto que, a população desvalida, a qual seria a base da massa de combatentes, não queria ter que participar dessa guerra, pois ou morreriam, ou se perderiam ao longo do Brasil, sem certeza alguma de retorno às famílias. Assim, sendo melhor fugir e sumir pela floresta, privando-se de uma vida mais urbana, a fim de não precisar ser recrutado. E por último, é importante avaliar a questão da história única, sendo sempre escrita pelos vencedores. Essa forma de colocar Solano como um monstro para a população em geral, além de criar um sentimento de medo e ódio contra o presidente do Paraguai, se tornava também um motivo para a proposição dessa guerra.

Essa questão de uma história única acaba por passar a impressão de respaldo do Brasil para tais atitudes de opressão com o seu próprio povo. Pois o recrutamento não foi algo voluntário, como diz o próprio título do conto, muito pelo contrário, ele é descrito como “esse

meio violento de preencher os quadros do exército era ao tempo da guerra posto em prática com barbaridade e tirania, indignas dum povo que pretende foros de civilizado.” (SOUZA, 2012, p. 20). Assim, podemos perceber como o próprio autor faz uma crítica a essa convocação, que não foi voluntária nem para o personagem Pedro e muito menos para diversos brasileiros mortos nessa batalha.

Assim como foi falado no conto acima, em “O Rebelde” também percebemos essa noção de uma história única, nesse caso sobre a cabanagem. Na narrativa, temos os personagens Paulo da Rocha e Luís Silveira, apresentados nesse momento histórico, apontando os conflitos sociais desse movimento. Sobre o apagamento histórico dessa revolta, sabemos que

Prevalece o testemunho dos que venceram, ou seja, o governo central no Rio de Janeiro e os mandantes locais, fiéis à monarquia. Os historiadores podem contar apenas, até onde se sabe, com esse testemunho oficial, sendo as vozes semelhantes a da personagem Paulo da Rocha, não raro, condenadas ao silenciamento (ALBURQUERQUE, 2020, p. 9).

A obra de Inglês de Souza é muito significativa para o resgate dessa rebelião e o entendimento dela em suas bases fundamentais, da busca pela liberdade dos povos. Assim como o estudioso afirmou, esses testemunhos oficiais como Paulo da Rocha foram apagados não só pelo governo de sua época, que sufocou tal revolta de modo tirânico. Como também apagados pela ditadura militar que esteve no poder por muitos anos no Brasil, a qual via nessa revolta uma semente de oposição histórica que eles preferiam que continuasse esquecida. Por isso, somente com a redemocratização do país, em 1985, é que tal evento foi resgatado como um marco histórico e identitário do povo brasileiro, tendo até como homenagem um memorial da cabanagem na cidade de Belém, no Pará.

É muito relevante que a obra de Inglês de Souza não trate o povo cabano como um grupo de assassinos, ladrões e sanguinários, da forma como foram constatados por tantos anos. Por conta disso, podemos pensar que ser da região norte, ter nascido nesse local, o fez ter esse ponto de partida sobre o que realmente buscava esse povo, tanto que descreve os motivos que levaram a essa revolta ao longo do conto. No trecho a seguir, podemos perceber como são justificadas as ações do povo cabano justamente por conta do destratado público, pois eles seriam:

Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sob o despotismo duro e cruel duma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler, e que não têm pão. . . E cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos. (SOUZA, 2012, p. 103)

Apresenta-se, então, essa busca por direitos e o cansaço perante a opressão e miséria que o próprio governo brasileiro impunha a eles.

Além disso, outra questão significativa é colocada no texto, a identificação de brasileiros. Afinal, aqui estamos analisando essa formação de nossa sociedade, e como ter um sentimento de pertença quando o próprio governo do país te oprime e silencia? O pesquisador Gabriel coloca que “Antes da cabanagem, eram amazonenses e, durante o levante, brasileiros. Saindo dessas formas de designação para a autoidentificação, a denominação cabanos não foi assumida pelos rebeldes, mas lhes foi dada pelo discurso oficial” (ALBUQUERQUE, 2020, p. 11), e essa nomeação como brasileiros, mesmo contra o governo do país, não era por acaso, visto que sendo nascidos da terra e lutando por ela, os cabanos tinham uma ligação fundamental com o país. Vemos esse discurso de eles serem brasileiros no trecho “A primeira ideia que me assaltou a mente, logo que pude refletir, foi que aquela gente pertencia ao partido dos brasileiros.” (SOUZA, 2012, p. 120), ou seja, aquele governo que oprimia e matava seu próprio povo não tinha uma ligação de pertencimento com a nação, e sim com seus próprios interesses. Assim, ao assumir essa revolta, o povo cabano que era a verdadeira população brasileira, pois buscavam de fato a mudança e melhoria do país.

Desse modo, ao realizar uma breve análise em relação a essas três importantes obras da década de 1890, percebemos as semelhanças da formação da identidade brasileira nos alicerces escravistas e de distinção entre classes sociais. E, para, além disso, também percebemos distinções entre realidades e problemas entre as diferentes regiões do país, nesse caso a região Sudeste e região Norte. Visto que, historicamente a região Norte não foi prioridade de investimento dos poderes constituintes do país, como foi à região do Sudeste desde a época do estabelecimento da família real. Assim, percebe-se como as diferentes regiões do país tiveram desenvolvimentos econômicos e culturais diferentes ao longo da história do país. Por isso, ao realizar tais análises, podemos entender como o processo de formação do povo brasileiro no passado pode reverberar até a atualidade. Pois, por exemplo, o resgate da revolta da cabanagem ainda é algo recente para o povo nortista, algo que ainda tem sido revisto historicamente e que é importante para a melhoria da construção identitária da região. Desse modo, podemos perceber pelas obras discutidas como são diferentes as construções históricas realizadas por todo o país, algo que influencia fortemente na construção do ideal do que é ser brasileiro.

## Referências

ALBUQUERQUE, Gabriel A. S. de. Processo formativo e autoral em Inglês de Sousa. **Revista Cerrados**. 2020.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmuro**. 8º ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 8º ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. **De cortiço a cortiço**. In: CÂNDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmuro. In: SCHWARZ, Roberto. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997, p. 7-42.

SOUSA, Inglês de. 1853-1918. **Contos amazônicos**. 3º ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

**Recebido em: 27/02/2022 Aceito em: 18/07/2022**